

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
JORNALISMO**

O DESAFIO DE ENSINAR A VER TELEVISÃO COM UM OLHAR CRÍTICO

ANA PAULA VASCONCELOS SOUSA

Boa Vista (RR), Dezembro de 2003

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
JORNALISMO**

O DESAFIO DE ENSINAR A VER TELEVISÃO COM UM OLHAR CRÍTICO

ANA PAULA VASCONCELOS SOUSA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, sob a orientação do Prof. Mestre Noujaim Pereira.

Boa Vista (RR), Dezembro de 2003

O trabalho de conclusão de curso “O desafio de ensinar a ver televisão com um olhar crítico” elaborado por Ana Paula Vasconcelos Sousa, matrícula 9522136, aprovada pelos membros da Banca Examinadora, encontra-se à disposição dos interessados no Departamento de Comunicação Social.

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 19/12/2003 com nota 10 (dez).

Orientador Prof. Mestre Noujaim Pereira

Prof^a. Áurea Lúcia Melo Oliveira Corrêa

Prof^a. Mestra Vângela Maria Isidoro de Moraes

DEDICATÓRIA

**Dedico este trabalho à minha
tia Selma que proporcionou a
parte mais difícil da minha
educação e de onde está,**

**tenho certeza, continua a
torcer por mim.**

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus que me deu o dom da vida, à minha mãe que enfrentou todas as batalhas por mim e por meus irmãos, à minha tia Selma que investiu e acreditou em mim, à minha família, por quem saí à busca do meu referencial e a todos que hoje fazem parte do melhor de mim - Amor, amigos – torcedores.

Escola é...

*o lugar onde se faz amigos,
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...*

*escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.*

*O diretor é gente,
o coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.*

*E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.*

*Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém,
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.*

*Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se “amarrar nela”!*

Ora, é lógico...

*Numa escola assim vai ser fácil
Estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos, educar-se,
ser feliz.*

Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

8

A TELEVISÃO CONQUISTA ESPAÇO RELEVANTE	PAGeref _Toc59208810 \h 12
OS EFEITOS NEGATIVOS DA TELEVISÃO	PAGeref _Toc59208811 \h 16
OS EFEITOS POSITIVOS DA TEVÊ	PAGeref _Toc59208812 \h 25
ESCOLA E TELEVISÃO NA FORMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL	PAGeref _Toc59208813 \h 29
ENSINAR A VER TELEVISÃO COM UM OLHAR CRÍTICO:	UM PRAZEROSO
DESAFIO	PAGeref _Toc59208814 \h 37
CONCLUSÃO	PAGeref _Toc59208815 \h 41
OBRAS CONSULTADAS	PAGeref _Toc59208816 \h 47
ANEXOS	PAGeref _Toc59208817 \h 53

INTRODUÇÃO

A relação entre televisão, sua linguagem, seu conteúdo e suas influências comportamentais tem sido tema de muitas controvérsias e poucas conclusões, em especial, entre profissionais da mídia, cientistas sociais e educadores pairando sempre questionamentos como: vilã ou aliada? Socializadora ou deseducadora? Interfere negativa ou positivamente? Enfim, ajuda ou atrapalha?

Não se pode negar que em maior ou menor grau no cotidiano de todos, a televisão passou a influenciar as relações sociais, familiares, ditando comportamentos, difundindo atitudes, linguagens, modismos e transmitindo valores. A televisão descreve normas, papéis, tornando-se fonte de expectativa social padronizada acerca da organização de grupos específicos na sociedade.

“... Os veículos de massa, por meio de apresentações seletivas e do destaque dado a certos temas, criam impressões entre suas audiências de que normas culturais comuns referentes aos tópicos destacados são estruturados ou definidos de determinada maneira. Como o comportamento individual geralmente é orientado por normas culturais com referência a um determinado tópico ou consideração, a TV serviria, então, para influenciar a conduta.”

Nos grupos sociais em geral, família, escola, igreja, a socialização acontece através de contatos diretos com recompensas e punições, orientando o comportamento nos moldes estabelecidos em cada grupo, graças à interação entre seus membros.

O homem enquanto ser social, participe do seu meio, vai moldando suas experiências de vida, seus conceitos a partir do que aprende, lê, ouve e vê, tendo neste último aspecto uma influência maior uma vez que as imagens representam a junção dos outros sentidos, fazendo-se mais completos.

O processo de socialização gerado pela televisão é distinto por tratar-se de uma interação indireta. As pessoas em especial, crianças e jovens, recebem as mensagens passivamente, sem interferir no conteúdo, tendo a apresentação dos fatos de maneira parcial, de acordo com a interpretação dada; suas programações estabelecem padrões, modelos a serem seguidos, podendo vir a influenciar comportamentos de um modo geral.

A televisão pode exercer um papel importante na socialização das pessoas, mesmo numa sociedade cheia de influência dos novos meios de comunicação de massa. Através dos conteúdos dos programas, as pessoas aprendem, consciente ou inconscientemente, comportamentos a serem usados na sua adaptação de mundo, interferindo nas suas experiências de vida, conhecimentos, crenças, valores, padrões e normas passando pelo “crivo” da TV, geralmente, favorecendo interesses de uma classe social em detrimento das demais.

É de se preocupar, no entanto, com tamanho poder deste meio de comunicação sobre a padronização comportamental de nossa sociedade, afinal, a fragilidade do quadro sócio-cultural de um país como o Brasil, pode não permitir que o indivíduo desvencilhe-se de tal influência tão facilmente quando negativa, ou assimile-a tão rapidamente quando positiva.

Inquestionavelmente, portanto, há de se buscar entender a televisão como excelente meio de educação, capaz de enriquecer o universo cognitivo da criança e ampliar o de jovens e adultos.

A criança, especialmente a de menor poder aquisitivo, como vê e pensa a TV? Como convive diariamente com a dura realidade e a mágica virtual da telinha? Ela acaba, de fato, imitando tudo o que vê ou é capaz de filtrar aspectos positivos e negativos?

E afinal, a escola, como tem reagido diante deste veículo de comunicação? Como tem tratado a linguagem, o conteúdo, as mensagens da TV? É possível explorá-la no ambiente escolar para um maior desenvolvimento cognitivo do aluno ou apenas assisti-la como “concorrente desleal”?

As análises feitas e as experiências relatadas e comentadas ao longo desta pesquisa fazem parte da busca de respostas para um melhor entendimento do quadro apresentado, tendo como personagens

duas turmas de uma escola de ensino fundamental da rede pública municipal, durante um bimestre letivo em 1999, onde observou-se a influência da TV no comportamento dessas crianças e o prazeroso desafio de ensinar a ver televisão com um olhar crítico, tendo como aliada a própria linguagem da tevê e sua expansiva forma de expressão.

A TELEVISÃO CONQUISTA ESPAÇO RELEVANTE

Inventada por volta de 1929, a televisão só foi fabricada em massa a partir de 1945, com o fim da II Guerra mundial. Em 1950, apenas 10% das famílias norte-americanas possuíam um aparelho de televisão, mas até o final da década esse percentual já havia aumentado para 90%. Hoje, 99% dos lares nos Estados Unidos possui mais televisores do que telefones.

No Brasil, o grande invento, chegou na década de 50. A primeira emissora inaugurada foi a TV Tupi de São Paulo. Porém, pouco tempo passou para que este símbolo de status e objeto de consumo tão restrito da época se popularizasse, chegando em todo o território nacional até o ano de 1956. Pesquisas apontam que, atualmente, 89% dos lares brasileiros possuem televisor.

“... o televisor em pouco tempo virou símbolo de posição sócio-econômica dos brasileiros. No início de sua difusão, muitas famílias mal podiam comprar artigos de primeira necessidade mas, nem por isso, deixaram de alimentar o desejo de deleitar-se diante do mais novo invento. Eram capazes de fazer verdadeiros sacrifícios a fim de dispor de recursos para adquirir o objeto da moda – o televisor”

Hoje, não se imagina como seria o mundo sem ela e sem suas mudanças significantes, produtos dos avanços tecnológicos. As imagens ganharam cores, as telas foram reduzidas, depois ampliadas; surgiram invenções como a TV a cabo, videocassetes, vídeo-games interativos e computadores pessoais.

A televisão despontou como o mais extraordinário meio de comunicação de massa do último século, onde o crescimento tecnológico e o importante desenvolvimento da imprensa, estabeleceram papel preponderante na formação sócio-cultural no mundo inteiro.

Com isso, muito se fala da influência que ela exerce sobre as relações sociais, familiares; nas experiências de vida, crenças, valores, normas, padrões, comportamentos e do seu impacto na educação das pessoas, em especial, de adolescentes e crianças.

“Acredito que a televisão será o teste do mundo moderno e que nesta nova oportunidade de ver além do nosso campo de visão descobriremos ou uma nova e insuportável perturbação da paz geral ou um brilho salvador no céu. Permaneceremos ou cairemos por causa da televisão”

A facilidade com que penetrou nos lares, fez com que a televisão ocupasse lugar de destaque, estando presente em quase todas as casas, independente do nível social, tornando-se um passatempo importante na vida das famílias brasileiras, substituindo muitas vezes a presença dos pais e ocupando grande parcela do tempo, especialmente, de crianças e adolescentes, subtraindo-os de atividades essenciais como leitura, jogos, brincadeiras, tarefas escolares, podendo influenciar na interação familiar, padronizar comportamentos, sugerir modismos ou até mesmo inspirar valores.

“A televisão é um fenômeno social de maior importância em nosso século. Já comparada à prensa de Gutenberg, ela criou explosiva oportunidade de circulação de informação e entretenimento. Uma tão espetacular inovação certamente conquistaria fanáticos adeptos e também ferrenhos inimigos. Apesar dos “apocalípticos” e dos “integrados” (Eco, 1979), a tevê está definitivamente instalada na intimidade dos lares, moldando comportamentos, sugerindo modismos, coagindo ao consumo, inculcando valores.”

Atribui-se tamanha relevância a diversos fatores sócio-culturais, às mudanças trazidas pela globalização e ao próprio poder dos meios de comunicação de massa, sua evolução e expansão causadas por uma postura envolvente e “narcotizante”, cada vez mais trabalhada e incutida através dos investimentos tecnológicos e estéticos, notados destacadamente na televisão que proporciona ao telespectador a satisfação do desejo de refugiar-se da sua realidade fatigante, muitas vezes frustrante, mantendo-se no mundo imaginário.

“... é através do espetáculo que se estabelece entre a tevê e o telespectador a relação estética. O mundo imaginário é assim consumido e, num mecanismo psicológico de projeção-identificação, ocorre a “mágica do sósia” (Morin, 1984). O espetáculo envolve, entretém, mantém o espectador preso dentro dele. A vida cotidiana, o trabalho, o dia cansativo, as vivências próprias, enfim, a personalidade do telespectador refugia-se numa instância nebulosa; é como que guardada entre parênteses... é possível, ao telespectador, a liberdade psíquica para exorcizar seus demônios aprisionados, realizar os sonhos mais secretos, as necessidades proibidas ou, simplesmente, evadir-se para lugares aprazíveis, ter a aparência física desejada, ou status, bens e dinheiro de que precisa.”

A respeito disso o artigo O que o Brasil pensa da TV reconhece a existência de uma dicotomia entre o que acontece no mundo “real” e o papel da família, que passa por mudanças, principalmente com a emancipação da mulher, uma vez que pais e filhos tornaram-se mais “independentes”, tendo a educação das crianças dividida com outros segmentos, com elas mesmas (num modelo mais liberal) e com grande volume de informações do mundo atual, democratizando e ampliando as relações sociais.

OS EFEITOS NEGATIVOS DA TELEVISÃO

Devido a ocupação proeminente da tevê na vida da sociedade atual e ao tempo de exposição a ela destinado, pesquisas vêm alertando para produtos oferecidos por esse veículo, provocando debates sobre a qualidade do conteúdo transmitido, o nível da programação apresentada e instigando diversas discussões a respeito dos seus efeitos no comportamento de adultos, jovens e, particularmente, das crianças, que ainda não dispõem de grande capacidade de discernimento e criticidade.

Estatísticas mostram que as crianças brasileiras, entre 6 e 11 anos, passam diante da tevê em média 28 horas semanais, mais tempo do que aquele atribuído à escola (aproximadamente 25 horas semanais); os canais de tevê, na guerra pela audiência, exibem cada vez mais programas sensacionalistas, peças publicitárias voltadas a um consumismo sem fronteiras; o maior volume de horas diárias da televisão é dedicado a material de muito impacto negativo, quase sempre com muitas cenas de violência; temas extremamente sérios e complexos podem ser abordados com superficialidade ou precocemente.

É preciso ressaltar ainda que estudos sobre o conteúdo da televisão mostram que 57% de todos os programas analisados e 66% dos programas para crianças continham violência. Neste caso, são apresentadas 26 ações violentas a cada hora, fato que preocupa estudiosos, cientistas sociais, profissionais da saúde e juristas.

Tal preocupação provocou a elaboração da seguinte lista dos efeitos observados no comportamento dos espectadores, por profissionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

Imitação de Comportamento – a principal forma de aprendizado das crianças é a observação e a imitação, imitando o que vêem na tevê, tanto os comportamentos positivos, quanto os violentos, já aos 14 meses de idade.

Heróis Violentos – as crianças imitam os modelos mais apresentados; dos quais elas gostam e que são considerados atraentes representam maior influência.

Violência Recompensada – a violência é mostrada como eficaz e sempre premiada.

Violência Justificada – a violência é mais imitada quando mostra que é permitido recorrer a ela, contanto que esteja no seu direito.

Dessensibilização – a repetição de estímulos de emoções leva à dessensibilização; a exposição constante à violência da tevê reduz a reação a ela.

Aumento do Medo – a ênfase sobre a violência faz o mundo parecer um lugar atemorizante.

Maior Apetite pela Violência – a dessensibilização aumenta a tolerância do espectador para mais violência.

Violência Realista – as crianças apresentam-se mais emotivas aos programas com violência realista do que àqueles de ficção.

Cultura do Desrespeito – acredita-se que o pior efeito do entretenimento violento voltado às crianças seja a criação e a sustentação de uma cultura de desrespeito.

Entretanto, está claro que a exposição da violência na mídia não é o único determinante para este sério problema da sociedade atual, mas também fatores sócio-econômicos, culturais e até psicológicos. Não tão pouco se pode afirmar que a influência da televisão apresente apenas aspectos negativos. Parte de sua programação tem sua relevância social e qualidade.

“Numa sociedade capitalista como a brasileira com abismais distâncias entre as classes sociais são díspares as atitudes dos telespectadores para com a tevê. Essas diferenças vão muito além do ambiente físico da televidência ou da escolha dos programas.

O ser humano sempre confere significados às mensagens que capta e, inegavelmente, seu contexto de vida é determinante... A captação e interpretação das mensagens, por mais que a tevê as homogeneize, passam pelas reais condições de vida do telespectador...”

Um extenso número de pesquisas aponta uma forte relação entre a exposição das crianças na mídia, independentemente do conteúdo, com diversos problemas comportamentais e psicológicos sendo evidenciados pela permanência excessiva em frente à televisão. Destaca-se também o poder desse veículo de comunicação, muitas vezes confundindo a distinção entre real e imaginário, principalmente entre jovens e crianças que acabam induzidas a comportamentos pautados na falsa percepção da realidade e na inadequada compreensão do convívio social.

“... a experiência televisiva é verdadeiramente revolucionária para todos os indivíduos que a ela são submetidos, em qualquer idade, em qualquer classe social, em qualquer latitude. A televisão transforma os hábitos de vida, modifica a capacidade dos adolescentes com relação à aprendizagem, distorce os símbolos compartilhados pela comunidade. E, de modo mais geral, ela muda o modo de entrar em contato com as pessoas, com as coisas, com tudo aquilo que se encontra fora da mente humana...”

Assim, são dados como certos e inquestionáveis por muitos, os efeitos negativos da exposição à tevê sobre a formação humana.

“... é provavelmente verdadeiro que a televisão em si, apenas com a sua presença, independentemente dos conteúdos veiculados, modifica o homem, a sua estrutura mental, as linhas organizadoras do seu contexto, a sua realidade e o modo como ele pode e quer conhecê-la.”

Entre esses efeitos apontados por profissionais da educação, da saúde e diversos estudiosos estão:

**Aumento do comportamento violento;
Obesidade;
Desempenho escolar prejudicado;
Diminuição da atenção;
Insônia;
Diminuição de atividades físicas e manuais;
Indução ao uso de tabaco e álcool;
Estimulação precoce à atividade sexual;
Diminuição da comunicação familiar;
Exibição excessiva ao consumismo;
Artificialidade crescente do contato com a natureza;
Possibilidade de bloqueio do imaginário (a televisão materializa e corporifica os personagens, aprisionando as fabulações);
Afastamento das atividades de raciocínio, gerando pouca capacidade de criação e conclusão.**

Sabe-se também que a televisão reduziu o tempo antes destinado às relações interpessoais e familiares, aos ofícios religiosos, ao lazer, em especial àquele fora de casa, e às atividades como a leitura e a pesquisa.

“...Habitados à TV desde a infância, as novas gerações cresceram em um ambiente muito distinto daquele que cercava as crianças da primeira metade do século. A principal diferença encontra-se na maneira de ocupar o dia: antes da TV, havia mais tempo para o convívio com pais, parentes e amigos, assim como para atividades solitárias como a leitura; hoje, estima-se que as crianças dediquem em média quase a metade do seu período de vigília à televisão, assistindo à programação ou jogando video-games.”

Há de se ressaltar que a dimensão do processo influenciador da televisão na socialização dos jovens é agravado pela idade e classe social a que pertencem.

“... a televisão atua nos jovens em medidas diferentes segundo a idade e a classe social a que pertencem (influenciando sobretudo as crianças carentes, que dispõem de menos recursos alternativos); impede que o tempo livre seja utilizado de maneira mais profícua (ler, brincar, ou mesmo ficar só e meditar); limita o diálogo com os pais, substituindo os processos normais de interação entre eles e seus filhos; produz efeitos negativos sobre a aprendizagem dos estudantes (diminuindo, por exemplo, qualquer espécie de habilidade criativa, exceto a verbal, ou limitando a capacidade imaginativa); induz a brincadeiras menos pessoais, simplesmente repetições do que foi visto na tela da televisão e, de modo geral, a comportamentos mais passivos; é enfim, com o bem e o mal que comporta, incomparavelmente o maior agente de socialização dos adolescentes.”

E não se pode esquecer das mudanças causadas por ela, nos hábitos familiares e no modo de assimilação do saber.

“... os sociólogos notam profundas mudanças nos hábitos dos indivíduos e das famílias (no que diz respeito às conversas entre parentes, afazeres domésticos, refeições, cuidados com os filhos, leitura e assim por diante); os psicólogos e pedagogos, enfim começam a constatar que está mudando a capacidade de aprendizagem das crianças, o seu modo de organizar os conhecimentos.”

É portanto, sob a ótica de todos esses aspectos negativos que surge a preocupação maior com a influência que a tevê pode gerar nos adolescentes e nas crianças uma vez que, pela estrutura da sociedade moderna, a criança passa mais tempo na companhia da televisão do que com os pais ou professores, muitas vezes substituindo a ausência familiar pela telinha sempre presente e disponível.

Quanto menor e mais frágil for a criança maior influência sofrerá e mais suscetível estará aos modelos positivos ou negativos, que lhe são apresentados, nos quais poderá acabar se espelhando num futuro bem próximo.

OS EFEITOS POSITIVOS DA TEVÊ

Não se pode negar a importância social da televisão e, por mais catastróficos que sejam seus efeitos ou por mais críticas que recebam, é impossível deixar de reconhecer o papel relevante que ela ocupa e seu crescente processo de ocupação na formação da sociedade, bem como seus aspectos positivos para a educação, promoção do desenvolvimento do indivíduo e seu bem-estar sócio-econômico.

“Não basta condenar aspectos alienantes e massificantes das comunicações, fixando a

condenação em generalizações, cujas afirmações podem ser corretas, mas ineficazes, pois em nada deterão um processo crescente que, se tem aspectos negativos, tem muitos outros positivos, como a democratização da cultura, o aumento da taxa média de informação da população, o impulso ao mercado interno, à produtividade.”

É reconhecida como importante meio de informação e formação e instrumento eficaz de conscientização e educação das massas devido sua capacidade de mobilização e inclusão, abrangência, amplitude, dinamismo, associados às suas conquistas tecnológicas e estéticas.

Estudos vêm mostrando que a tevê é capaz de produzir resultados benéficos, e diversos livros já apresentam seus inúmeros aspectos positivos, destacando-se dentre eles:

Desenvolvimento de habilidades cognitivas – leitura, vocabulário, matemática, resolução de problemas e criatividade.
Enriquecimento do mundo interior da criança com informações e categorias estético-sensíveis, fundamentando o processo intelectual para uma maior abertura e pluralidade.
Conteúdo educativo – traz informações que podem ser trabalhadas nas diversas áreas do conhecimento (História, Artes, Literatura, etc.)
Aprendizagem de comportamento pró-social como persistência, solidariedade, cooperação, autoconfiança, etc.
Desmistificação de temas e personagens mitológicos ou fabulosos.
Promoção de hábitos de higiene, nutrição e saúde.
Conscientização sobre questões sociais e políticas e incentivo à sua abordagem.
Convívio com estruturas culturais diferentes, aumentando a percepção de mundo, das emoções e do comportamento.
Apresentação à tecnologia de forma confortável e estimulante.
Desenvolvimento de potencialidades.
Contemporaneidade das informações.
Aumento da auto-estima e da competência através do “espírito de competição” sempre presente nos programas de entretenimento.
Despertar sensorial diversificado e amplificado (capacidade de conceituar para entender e de sentir para captar).
Exercício do imaginário provocando um desligamento do “real”.
Contato inicial com aspectos relacionados à atividades profissionais dos adultos.
Entretenimento a “custo zero”.
Capacidade de fomentação do diálogo familiar, atuando como um catalisador frente a temas polêmicos e/ou constrangedores.
Junto às classes de menor poder aquisitivo funciona como estímulo para manter os filhos em casa, amenizando os riscos da violência externa.

As acusações e defesas feitas aos meios de comunicação, em especial à televisão, vão sempre ser pontos de discussões e polêmicas entre profissionais das mais diversas áreas por serem considerados, em alguns momentos, avassaladores e, em outros, democratizadores; mal necessário;

que ajuda e atrapalha; ou essencialmente prejudicial por conflitar-se aos valores sócio-culturais.

“Os meios de comunicação afetam profundamente as atitudes da comunidade, as estruturas políticas e o estado psicológico de todo um país. À maneira de Deus, a mídia pode alterar o curso de uma guerra, arrasar o presidente ou um rei...”

Hoje em dia a mídia eletrônica acelerou a democratização do processo do crescer e saber, ultrapassando os limites da barreira da palavra impressa. O rádio e a televisão tornaram o processo acessível a praticamente todas as crianças do país, tanto ricas como pobres.”

É preciso lembrar ainda que o homem não é um ser social isolado encerrado em si e passivo, tendo sua formação embasada na interação com o mundo das relações sociais e com todos agentes e meios que o cercam.

ESCOLA E TELEVISÃO NA FORMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

Diante de tantas considerações, negativas e positivas, não se pode omitir a responsabilidade dos diversos segmentos da sociedade, em particular da Escola, na reflexão do papel influenciador da televisão, na busca de transformá-la em aliada, no complexo desenvolvimento sócio-cultural, procurando entendê-la como excelente recurso educacional capaz de enriquecer e ampliar o universo cognitivo.

É necessário analisar as informações e produtos que ela oferece afinal, a sua influência dependerá da forma como isso será utilizado, aprendendo a assisti-la com um olhar crítico para decodificar o que está sendo “oferecido”, a partir das experiências e necessidades de cada indivíduo, particularmente das crianças que ficam mais tempo expostas à TV.

Assim, nenhuma ciência pode afirmar em absoluto que a televisão é boa ou não, para crianças, adolescentes ou até mesmo para os adultos.

“Do outro lado da comunicação está um ser chamado homem que traz, dentro de si, uma instância, o livre arbítrio, no qual a liberdade humana é sempre uma potencialidade e uma possibilidade.”

Deve ser, portanto, prioridade da Escola a formação de telespectadores críticos e conscientes, capazes de desenvolver um olhar analítico e prontos para um discernimento mais apurado do que lhe é apresentado.

“A boa escola desenvolverá o olho que lê, o olho que vê, o ouvido que escuta, a pele que sente, a poesia que adivinha, a intuição que alcança, relampeja, flagra..”

Observa-se no meio escolar atitudes unilaterais frente à televisão, considerando-a muitas vezes uma ameaça em alguns momentos, ignorando-a como recurso didático na educação de crianças, atribuindo a formação crítica infantil às famílias e restringindo a Escola ao insignificante papel de somente instruir, contrariando a visão de que “uma escola que não ensina como assistir à televisão é uma escola que não educa”

“A formação crítica do telespectador infantil poderia ser vista como uma responsabilidade da família. A educação é dever do Estado e tem sido partilhada entre a família e a escola. Entretanto, tradicionalmente, nesta divisão de tarefas, a escola tem precipuamente se ocupado da instrução enquanto que da família se espera a educação das crianças.

A escola não tem reconhecido a televisão como um meio didático...”

Antes de informar, a escola precisa estar ciente do seu papel informativo, ensinando ao aluno a encarar a realidade em que vive de forma crítica.

“Já foi dito que a escola tem que ajudar a criança para que, em seu processo de crescimento ela vá compreendendo a realidade que a cerca e nela se vá localizando lúcida e criativamente.”

A educação, contrariando a tradição pedagógica que ainda insiste em limitar o pedagógico à sala de aula, à relação professor-aluno, precisa ir além dos muros da escola, aproximar-se da realidade e experiência de vida de cada aluno, tornando-o capaz de compreender o meio em que vive e apto a transformá-lo num lugar melhor.

“Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.”

Assim, a escola de hoje estará cada vez mais próxima da sua função social – a de preparar o indivíduo segundo sua realidade, aptidões e talentos para o mundo – à medida que fizer uso dos avanços tecnológicos, aqui se destaca a televisão (meio a cada dia mais presente em todos os lares) como recurso didático para alcançar seus objetivos: informar, ensinar e reconstruir valores educacionais.

“A entrada da tecnologia eletrônica, não para substituir a escola mas para subsistir na escola, constitui a possibilidade alvissareira de levar o educador à necessária tripartição da sua tarefa, a que virá caracterizar a sua ação no breve futuro:

A tarefa da informação através dos meios e do tipo de aculturação assistemática, que é educativa apenas em sua essência;

A tarefa do aprendizado para qual os meios tecnológicos são indispensáveis, pois a sociedade vai continuar necessitando de pessoas aparelhadas e aptas às diversas funções (sociais, da indústria, do comércio, científicas, profissionais);

A tarefa de reconstruir os valores educacionais, pois a educação pragmática mostrou-se condutora de massificação e comportamento distanciados da vivência da própria integralidade, que é o grande anseio evolutivo do ser humano democratizado em profundidade (inteligência, sensibilidade e espírito)”

Nesse processo, o papel da escola e do professor tem que estar claro, bem como a conscientização destes em procurar utilizar as mais diversas formas de comunicação, tornando os alunos “íntimos” se não, conhecedores da linguagem da mídia.

“O papel da escola deixou de ser organizar a distribuição da informação, mas o ensino de como os alunos devem lidar com a informação, que é agora comum a todos; numa palavra, a escola deve ensinar os alunos a pensar e a utilizar a TV, rádio, a leitura, a escrita e toda e qualquer forma de comunicação como instrumento no processo de aprendizado. Devido à sobrecarga de informações a função da escola é auxiliar os alunos a selecionar adequadamente.”

Torna-se, portanto, cada vez mais necessário analisar a TV, buscando seu caráter pedagógico interessado na maneira como ela age no sujeito, na sua subjetividade, produzindo imagens, significados, entendendo-a também como um fato social.

“... sua linguagem interpela as escolhas e decisões cotidianas de milhões de cidadãos e cidadãs, participa da produção da identidade de pessoas, de grupos e de populações inteiras, ao mesmo

tempo em que opera na constituição da subjetividade de cada um.”

A respeito disso, Fischer (2002) em pesquisas sobre TV e Educação afirma que ela produz “saberes que de alguma forma se dirigem à ‘educação’ das pessoas, ensinando-lhes modo de ser e estar na cultura em que vivem” . E ainda que o interessante é “imaginar possibilidades concretas de análises que dêem conta da TV simultaneamente como linguagem e como fato social”.

Atribui-se à indústria cultural a culpa de basear suas produções cinematográficas, televisivas na combinação de desastre e pânico, terrorismo e medo, destruição e ruína, performance e lucro, para assim alimentar a imagem que muitos constroem sobre a realidade social e suas implicações.

Rezende (1989) reconhece que o universo da tevê é produzido e “impregnado dos traços do produtor” cujo intuito é “vender imagens” antes de inculcar a ideologia dos grupos dominantes mas, acredita numa possível mudança no “produto produzido para o consumidor e consumidor que é produzido para o produto” através da “educação para a tevê na escola”.

No processo de educar para a TV na escola, o professor deixa de ser um simples transmissor de conhecimentos ou um mero contemplador das produções de seus alunos e passa a criar situações, dar condições para o desenvolvimento da construção cognitiva, interpretando conjuntamente com seus alunos os passos e os erros que surgem (afinal, as práticas educativas são práticas sociais), onde ele não poderá ser substituído nem mesmo pela televisão, pois “as características de sua intervenção, os recursos que utiliza, as tarefas que propõe deixam maior ou menor margem à atitude construtiva do aluno”

Agindo assim, o professor estará cumprindo o papel de “trabalhador social que optou pela mudança”, atuando e refletindo “com os indivíduos com quem trabalha para conscientizar-se junto com eles das reais dificuldades da sua sociedade.”

É claro que a educação não está, exclusivamente, vinculada à utilização desse aparelho, nem tão pouco nele pode ser embasada a ‘salvação’ do sistema educacional.

“Não há sistema de televisão que possa efetivamente arrogar-se a possibilidade da educação regular, salvo como auxiliar didático...A substituição do esforço educativo de um país pela tecnologia multiplicadora será, porém, grave equívoco e distorção, tanto das finalidades da educação quanto das características e possibilidades da televisão.”

O processo cognitivo deve, sim, ser embasado em atividades norteadas no trabalho coletivo e interdisciplinar, na realidade do aluno como ponto de partida, na sua participação para a construção do conhecimento, tendo a vida cidadã como ponto de chegada.

E, no outro extremo, como diz Nidelcoff, a Escola estará cumprindo a função de “dar instrumento às crianças para análise da realidade” e “iniciá-las na experiência da reflexão e da ação em grupo”, tornando seu aluno cada vez mais um “indivíduo capaz de criar e transformar a realidade, em comunhão com seus semelhantes”.

ENSINAR A VER TELEVISÃO COM UM OLHAR CRÍTICO: UM PRAZEROSO DESAFIO

Enriquecendo a análise sobre o assunto em pauta e acreditando na idéia de que a escola possa contribuir para a formação de telespectadores críticos, cidadãos conscientes de seu papel na sociedade e que a televisão e seus produtos podem e devem ser utilizados como aliados no processo educacional, realizou-se o projeto experimental A TV que a gente vê, relatado a seguir.

Em abril de 1999 assumi a 1ª série E de uma escola municipal na periferia de Boa Vista. A turma apresentava-se desestimulada, “presa ao quadro” e sempre “brincando de brigar”, imitando personagens da TV.

Analisando reportagens das revistas Nova Escola (nov/1998), Veja (Especial dez/1998) e Cláudia (março/1997), foi possível perceber que a televisão estava trazendo influências ao comportamento das crianças mas talvez pudesse ser usada como recurso de motivação, meio educativo e fonte de conscientização.

Com isso surgiu a idéia de um trabalho bimestral, que tomou consistência quando uma professora disse identificar o mesmo quadro em sua turma de 3ª série e, a convite, abraçou o projeto com o desfecho marcado para o dia da Oficina Cultural onde as duas turmas se envolveriam numa mostra de trabalhos com dramatização. A partir daí a televisão fez parte das aulas.

Debatendo as mensagens apresentadas, discutindo com alunos e pais os programas preferidos; analisando a influência disso no seu cotidiano, procurando despertar uma visão crítico-analítica e aproveitando a própria programação, foram realizadas atividades associadas ao programa curricular de cada turma tendo como recursos pedagógicos televisão, videocassete, fitas de vídeo, filmadora, som portátil, além de material didático existente na escola.

Trabalhou-se a expressão oral nas diversas conversas sobre trechos de programas gravados onde os alunos emitiam sua opinião e associavam o tema a fatos de seu cotidiano; através de desenhos mostravam suas preferências na TV e representavam de forma escrita palavras, frases e pequenos textos; conversavam sobre o que os pais lhes permitiam assistir e relatavam seus programas preferidos, descrevendo cenas e personagens.

Discutiu-se a pluralidade de temas abordados por esse meio de comunicação e as mensagens transmitidas; confeccionou-se cartazes nos quais as crianças relatavam experiências, representavam opiniões através de recortes e colagens desenvolvendo a ortografia e respondiam questionário sobre programa de TV e o tempo que destinavam a ela.

Assistiram ao desenho Albert-Natureza sabe tudo e trabalharam o tema transversal Meio-Ambiente; com uma seqüência de desenhos, produziram e ilustraram textos substituindo e acrescentando situações; ouviram a música Televisão, dançaram, cantaram e refletiram a respeito do que deixam de fazer quando assistem à tevê e após, confeccionaram cartinhas aos pais e livretos infantis.

Viram trechos de programas a que assistiam costumeiramente como, Ratinho, Jiraia, Power Rangers, contendo cenas violentas e foram capazes de relacionar às suas brincadeiras, chegando inclusive a criticar suas próprias atitudes.

Por fim, na Oficina Cultural apresentaram seus trabalhos e encenaram uma dramatização com fantoches, alertando colegas, pais e visitantes do evento sobre a programação da tevê e suas implicações.

Nas conversas, nas diversas atividades realizadas e, principalmente, no comportamento dos alunos foi possível verificar um grande desenvolvimento sócio-pedagógico uma vez que, mostraram-se a cada dia mais estimulados, participativos e interessados, apresentando uma visão analítica da influência da tevê no seu cotidiano e foram, aos poucos, modificando atitudes e brincadeiras, respeitando-se mutuamente.

Assim, de forma relevante, a televisão passou de rival a aliada; fonte de conhecimento das aulas, onde os conceitos ganharam nova roupagem e tornaram-se uma extensão da realidade vivida pelos alunos e pela comunidade escolar.

CONCLUSÃO

A televisão, avanço tecnológico cuja invenção fundamentou-se no entretenimento das pessoas e significativo fenômeno social, conquistou relevante espaço na sociedade moderna e rapidamente ocupou o cotidiano dos lares no mundo inteiro.

Pelo seu poder mobilizador, sensorial, sua rapidez e volume de circulação de informações e pela sua sinteticidade, influenciou profundamente, já de início, a rotina familiar, alterando atividades e horários, inculcando, até hoje, ideologias, costumes, modas e valores.

“Viver com a televisão desenvolve uma série de processos psicológicos e sociais que, com maior ou menor intensidade, manifestam-se de modo semelhante onde quer que seja, contribuindo para mudar a vida dos que vivem sozinhos, tumultuando as ligações entre os meios de comunicação, imprimindo novas dinâmicas a várias estruturas das diferentes coletividades.”

Vários estudiosos têm apontado que, tamanha ocupação se deve a diversos fatores sócio-culturais, à ausência dos pais e à emancipação da mulher; à expansão dos investimentos tecnológicos e estéticos, à própria globalização e até mesmo à omissão da escola.

Pesquisas vêm alertando para a qualidade dos produtos oferecidos pela TV e suscitando discussões nos diversos segmentos da sociedade sobre seus efeitos no comportamento de adultos, jovens e crianças.

Percebe-se que a exposição à mídia não é o único determinante para os sérios problemas da sociedade ao longo de todos esses anos. Muito se deve a fatores sócio-econômicos, culturais mas, é preocupante a lista de efeitos negativos denunciados por profissionais da educação, saúde e áreas afins.

Relevante, por outro lado, é o fato de que o efeito, importância e eficácia de qualquer mensagem produzida pela indústria cultural, depende da sua forma de recepção e também “...nem o meio é onipotente para despertar no público o que pretende, nem o público, sozinho, disperso, diante de suas vontades, necessidades e reivindicações, é capaz de dar forma, sentido, direção, força, consciência crítica, análise, interpretação, resistência, ao que venha via meios de comunicação.”

A criança seria então o público mais afetado pelos efeitos negativos da TV devido sua pouca capacidade de discernimento. Mas segundo alguns escritores, a criança sabe diferenciar a ficção da realidade, tirando proveito e abstendo-se daquilo que não lhe agrada.

“...é inacreditável acreditar que... a criança seja passiva e acrítica. É inacreditável pensar que ela confunda ficção com realidade. Aliás, eu creio que uma não existe sem a outra. Não há realidade que não seja mesclada de ficção e esta baseia-se no real.

A criança... transita de uma para a outra e se diverte”

Observou-se ainda que a televisão tem contribuído na formação da sociedade, como importante meio de informação e instrumento de conscientização, sem falar na sua capacidade de inclusão, aproximando o processo de democratização às camadas sociais mais carentes.

Nesse contexto, a sociedade lançou o desafio à escola para aliar-se à televisão na formação sócio-cultural, enriquecendo e ampliando o universo cognitivo. A televisão transforma-se em recurso pedagógico e deixa de ser “o bicho-papão” dos professores.

Assim, a escola sai do seu “pedestal”, pula seus muros e aproxima-se da realidade de seus alunos, aproveitando suas experiências de vida, seu cotidiano, preparando-os para o pleno exercício da cidadania cumprindo, por fim, o seu papel: educar – ex ‘fora’ em latim/ducere ‘conduzir’ – conduzir para o mundo.

A experiência vivida com os alunos da escola Martinha Thury Vieira naquele bimestre letivo de 1999, mostra que é prazeroso e extremamente útil para a vida das crianças debater tevê. A televisão pode ser utilizada pedagogicamente com seus signos indiciais, suas mensagens problematizadas e disso, surgir uma consciência mais crítica.

Naquele momento as crianças puderam debater, a partir da programação da tevê, suas vivências, interpretações do mundo, chegando a perceber até, a ideologia de cada programação.

As aulas ficaram mais estimulantes, a televisão tornou-se fonte de conhecimento, tema constante; os conteúdos ganharam nova roupagem, transformaram-se em extensão da realidade dos alunos. Estes, mostraram-se mais interessados, revertendo a apatia anterior; adquiriram uma visão analítica da atuação da TV no seu comportamento; aos poucos modificaram atitudes, brincadeiras, respeitaram-se mais.

As atividades trabalhadas em sala permitiram uma ligação entre os novos conhecimentos e os já existentes; estimularam os alunos a participarem na construção dos conhecimentos desenvolvendo autonomia no pensar e no agir; aproximaram os alunos de materiais, recursos pedagógicos capazes de ampliar, aprofundar e dinamizar a aprendizagem; e, incentivaram o aluno a aplicarem seus conhecimentos na prática, interferir na sua realidade de casa, de rua, de aula, de escola enfim, de mundo.

Ficou claro que é possível usar a TV como meio didático, bastando aos pais (a família não pode se omitir) e professores conhecerem a programação que a criança assiste, lendo criticamente a televisão não apenas no seu texto mas, no seu intertexto, buscando a essência do que é apresentado.

É possível portanto recriar a tevê, reformular suas mensagens, impedir a absorção inquestionável, discutir, comparar, analisar, criticar a “versão” apresentada.

Não é utopia acreditar que se pode aprender com a televisão, discutir programações com crianças e vivenciar uma experiência crítica. Mas também não se pode tê-la como salvação para todos os problemas educacionais.

A educação é papel da escola. A televisão é apenas um “eletrodoméstico do século XX, que entre outras finalidades e vocações pode ter – em parte – a educativa”

Por fim, há de se esperar da escola a responsabilidade da formação social, tendo sempre enfatizado que “a escola do futuro não será apenas uma casa de interpretação e entendimento da palavra escrita. Será, também, um lugar de ‘leitura crítica’ e interpretativa do que modernamente chega via eletrônica através da imagem e do som.”

OBRAS CONSULTADAS

ALBUQUERQUE, Renata de. O que as crianças precisam saber sobre a televisão. Disponível em: HYPERLINK "<http://www.caiubi.com.br/aleph/9803/3mid5.htm>"
<http://www.caiubi.com.br/aleph/9803/3mid5.htm> Acesso em 14. jul.2003

As crianças e a Televisão. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.pro.br/crietv..htm>>
Acesso em 4. fev. 2003.

BUCCI, Eugênio. A deseducação educativa. Disponível em: HYPERLINK "<http://www.novaescola.abril.uol.com.br/ed/158-dez02/html/de-olho..htm>"
<http://www.novaescola.abril.uol.com.br/ed/158-dez02/html/de-olho..htm> Acesso em 29. jan. 2003.

CARVALHO, Ednaldo. O professor e a Babá eletrônica. Disponível em:
<<http://www.appai.org.br/jornaleducar/jornal14/editorial/p3%20edinaldo.htm>> Acesso em 4. fev. 2003

COSTA, Marisa Vorraber. Ensinando a dividir o mundo – as perversas lições de um programa de TV, Revista Brasileira de Educação, vol. 20, (no prelo) (2002).

COSTELLA, Antônio. Comunicação: do grito ao satélite. 3ª ed. São Paulo: Mantiqueira, 1984.

CUNHA, Patrícia Socorro da Costa. A influência da linguagem televisiva na linguagem infantil. Boa Vista: UFRR, 1995. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Roraima, 1995.

DEFLEUR, Melvin L, BALL-ROKEACH, Sandra. Teorias da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. In: Educação e Pesquisa. São Paulo, vol. 28, n. 1, Jan/Jun, 2002.

_____. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV, Belo Horizonte: Autêntica. 2001.**

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo, GUIMARÃES, Sérgio. Sobre educação: diálogos. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o trabalho científico. 9ª ed. Porto Alegre: Dáctilo-Plus, 2001.

GIOVANNINI, Giovanni (coord.). Evolução na Comunicação: do Sílex ao Silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

IANNI, Octávio. Entretenimento e cultura da violência. Disponível em: <http://www.novae.inf.br/midia/cultura_violencia.htm> Acesso em 10. jan.2003

MAGALHÃES, Lucila Rupp de. A mestra televisão e a questão ética. Disponível em: <<http://www.consultec.com.br/espaco-aberto/artigos/mestra..htm>> Acesso em 8. nov. 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. Televisão: A vida pelo vídeo. 6ª ed. São Paulo: Moderna, 1991 (Coleção Polêmica)

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

MIGLIACCIO, Marcelo. Violência impera nos canais abertos de TV. Folha de São Paulo. São Paulo, 8.jul.2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folhailustrada/ult90u15275.shl>>

Acesso em 14. jul. 2003.

MORAIS, Maria Helaine Peixoto de. A influência da televisão no comportamento dos indivíduos na sociedade brasileira. Boa Vista: UFRR, 1995. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Roraima, 1995.

MORAIS, Regis de (org.). Sala de aula: que espaço é esse? 4ª ed. Campinas: Papirus, 1989.

MORAN, José Samuel. Como ver televisão. São Paulo: Paulinas, 1991.

NASCIMENTO, Soraia Azevedo. Influência do Programa Cavaleiros do Zodíaco no comportamento infantil. Boa Vista: UFRR, 1995. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Roraima, 1995.

NIDELCOFF, Maria Teresa. A escola e a compreensão da realidade. 17ª ed. São Paulo, 1979.

O que o Brasil pensa da TV. Disponível em:

<<http://www.observatordaimprensa.com.br/artigos/qtv05102001.htm>> Acesso em 8 nov. 2002

ORJUELA, Guillermo Mauricio Acosta. Efeitos da televisão sobre os comportamentos anti-sociais e pró-sociais: uma introdução à literatura empírica em psicologia social. Disponível em:

<<http://www.ilea.ufrgs.br/ppgcom/tesebr97-99/orjuela-unicamp97.htm>> Acesso em 8. nov. 2002.

PACHECO, Elza Dias (org.). Televisão, Criança e Imaginário: contribuições para a integração Escola-Universidade-Sociedade. Disponível em:

<<http://www.eca.usp.br/nucleos/lapic/pesquisa.htm>> Acesso em 4. fev. 2003.

PORTO, Mauro. A realidade da telinha. Disponível em:

<<http://www.unb.br/acs/acswb/clipping/telinha..htm>>

Acesso em 4. fev. 2003

REZENDE, Ana Lúcia Magela de; REZENDE, Nauro Borges de. A Tevê e a criança que te vê. São Paulo, Cortez, 1989.

RIPARI, Marco Antonio. Televisão: Baba eletrônica.

Disponível em:

<<http://www.uol.com.br/bibliaword/defesadafe/num14/materia..htm>> Acesso em 4. fev. 2003

RIZZO, Sérgio. O Poder da Telinha. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril. Ano XIII, nº 118, Dez/1998.

SCHEMES, Jorge N. TV: Instrumento socializador e deseducador. Disponível em:

<<http://www.jornaldaeducacao.inf.br/opiniaio143.htm>> Acesso em 8. nov. 2002

SCHWARTZ, Tony [tradução de Ana Maria Rocha]. Mídia: o segundo Deus. São Paulo: Summus,

1985.

SODRÉ, Muniz. A comunicação do grotesco. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOLÉ, Isabel. Se puede enseñar lo que se há de construir? Cuadernos de Pedagogia, Barcelona: Fontalba, n. 188, 1991

TÁVOLA, Artur da. A liberdade do ver: televisão em leitura crítica. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

TEIXEIRA, Luiz Monteiro. A criança e a Televisão: amigos ou inimigos? 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1987.

Televisão: Babá Eletrônica. O que você gostaria de ver na televisão? Disponível em:

<<http://www.sites.uol.com.br/pr.marcoantonio/televisão.html>>

Acesso em 4. fev. 2003

VALDÍVIA, MIGUEL. Crianças frente à tela: overdose de televisão. Disponível em:

<<http://www.saudenainternet.com.br/menssana/menssana20.shtml>> Acesso em 8. nov. 2002.

ZAVASCHI, Maria Lucrecia S. (coord.) . A Televisão e a Violência: o impacto sobre a criança e o adolescente. Porto Alegre, Gráfica da UFRS, 1998.

ANEXOS

A – Exemplos de atividades realizadas em sala de aula

A1 – Produção de aluno da 1ª série

A2 – Produção de aluno da 3ª série

B – Entrevista feita com os alunos

C – Entrevista com os pais

D – Indicadores de opiniões dos alunos e pais

E – Roteiro da fala dos fantoches e da dramatização apresentada na Oficina Cultural

F – Exemplos de ficha de acompanhamento individual dos alunos no período de aplicação do projeto

F1 – Ficha de aluno da 1ª série

F2 – Ficha de aluno da 3ª série

G – Certificado do prêmio recebido pelo Projeto A TV que a gente vê

H – Certificado da Menção Honrosa recebida pelo Projeto A TV que a gente vê

INDICADORES DE OPINIÕES DOS PAIS

O que as crianças mais gostam na televisão

Chiquititas

Gugu

Ratinho

Desenhos Animados

Angélica

Malhação

Futebol

As crianças não podem ver:

Filmes Violentos

Filmes de “sexo”

Terror

Algumas novelas

Bons Programas

Programação da TV Cultura

Jornais

Programas Evangélicos
Gugu
Chiquititas
Bom dia e Cia (Eliana)
Disney Club
Programa Livre (Serginho Groisman)

Depoimentos dos pais

“A televisão não está pensando nas crianças, que são quem mais a assistem”.

“Se fosse possível, meu filho ficaria 24 horas na frente da TV”.

“A televisão mostra coisas absurdas como a corrupção dos governantes”.

“Eles aprendem muita violência. E isso, eu não quero para os meus filhos”.

“Eles querem imitar o que vêem na TV”.

“Quem não sabe assistir, pensa que tudo que passa lá é verdade”.

INDICADORES DE OPINIÕES DOS ALUNOS

O que mais gostam na televisão

Chiquititas
Ratinho
Shurato, Giraia, Defensores da Luz, etc.
Desenhos animados em geral
Novelas
Futebol

O lado bom da televisão

Programas educativos
Informação
Notícias boas
Educação
A palavra de Deus

O lado ruim:

Violência (luta, briga, agressão)
Desemprego, fome, crianças sem casa, etc.
Medo, terror
Falsidade

ROTEIRO DA DRAMATIZAÇÃO

Dois grupos de alunos se colocam sentados, diante de dois televisores. Em um passa desenhos representando coisas boas e no outro, cenas violentas. Enquanto dois alunos vão passando os desenhos na televisão para os dois grupos, um menino e uma menina numa casa de fantoches conversam sobre o que as crianças estavam vendo diante da TV.

É aí que o grupo que vê cenas violentas se levanta e começa a brincar de brigar, ao passo que o outro grupo permanece sentado, brincando calmamente.

Por fim, os fantoches analisando as duas cenas, mandam uma mensagem de alerta às crianças e aos pais.

FALA DOS FANTOCHES